

# Morte de Ruth First condenada em Londres

**António de Figueiredo**

Os maiores jornais britânicos relatam com destaque o assassinio da escritora comunista sul-africana Ruth First, dando pormenores do incidente que teve lugar no seu gabinete na Universidade de Eduardo Mondlane, quando abria uma encomenda postal com explosivo, em circunstâncias que lembram a própria morte daquele dirigente da Frelimo em Dar Es Salam, em 1969. Ruth First era um dos mais distintos memeros da comunidade de exilados sul-africanos que se viria a fixar em Londres a partir da década de 1960, quando se intensificou a luta contra o «apartheid» na África do Sul. Alguns deles viriam a transferir-se para o Maputo, depois da independência de Moçambique, dando assim um notável impulso à organização do Congresso Nacional Sul-Africano. O advogado Joe Slovo, casado com Ruth First desde 1948, era frequentemente referido na imprensa internacional como sendo o organizador de acções armadas ou de sabotagem do CNA.

O casal, que teve ocasião de conhecer na sua casa em Londres, em Camden Town, era um modelo exemplar de militantes revolucionários comunistas, mantendo, no entanto, espírito aberto e respeito por outros progressistas que, como eu, não partilhavam totalmente dos seus pontos de vista. A sua dedicação e sacrifício, para mais, numa causa em que se dá uma imensa desproporção de forças com o sistema instituído, inspiravam, porém, respeito recíproco, pela consistência e coerência com que se entregavam à luta pelos seus ideais.

Segundo o correspondente do «Guardian» no Maputo, o crime envolveu duas poderosas bombas, em encomendas postais, uma das quais dirigida a Aquino de Bragança, o revolucionário de origem goesa, director do Centro de Estudos Africanos, no qual Ruth First exercia as funções de chefe do departamento de pesquisa e investigação. Segundo aquele correspondente, enquanto a encomenda aberta por Aquino de Bragança teria um dispositivo que falhou, a bomba

dirigida a Ruth First rebentou no momento preciso em que abria o invólucro, ferindo ainda, além do próprio Aquino de Bragança, os professores Bridget O'Laughlin, leitor norte-americano, e Paulo Jordan, sociólogo sul-africano, que se encontravam no mesmo gabinete, tendo os três recolhido ao hospital.

## Várias obras publicadas

Ruth First era autora de vários livros, incluindo «117 Dias», uma narrativa das suas experiências durante um período de «detenção preventiva», semelhante ao sistema legal de «medidas de segurança» do antigo regime salazarista; um estudo sobre a história da Namíbia e uma análise, «O Cano duma Espingarda», sobre golpes de Estado militares em África. O seu próximo livro «Trabalhadores de Moçambique», que se encontra na fase de revisão, é uma história-análise do trabalho emigratório de moçambicanos para as minas da África do Sul, antes e depois da independência, estabelecendo a relação que existe entre a acção retardada das condições herdadas do colonialismo nas presentes dificuldades político-económicas em Moçambique.



(Telefoto Anap-UPI)  
Ruth First

As repercussões internacionais do assassinio e manifestações de protesto em Londres, com apoio de grupos militantes contra o «apartheid», deram origem a mais um surto de publicidade negativa para a África do Sul, fazendo com que alguns jornais situem o dramático acontecimento no contexto de acções agressivas por parte das forças sul-africanas. Os jornais citam passagens de protestos e condenações, pelo Governo de Moçambique, da sede da Organização de Unidade Africana, e organizações e entidades conhecidas pela sua oposição ao «apartheid», ao mesmo tempo que reproduzem desmentidos por porta-vozes do Governo sul-africano.

Mas, como sempre, o assassinio político demonstra ser, além de moralmente condenável, contraproducente. O facto de que tais actos, regra geral, provam vir a ser abusos de poder e circunstâncias, por parte de elementos dos serviços secretos, não atenua a responsabilidade dos governos.

Ruth First, mesmo sem o sacrifício final da sua vida, seria certamente lembrada como uma distinta escritora e militante revolucionária. O seu trágico assassinio coloca-a entre a galeria de heróis da luta política, fazendo com que a sua morte seja postumamente um libelo contra as condições e sistemas iníquos, que geram a brutalidade e arbitrariedade de tais actos. É caso para dizer que, com agentes criminosos, actuando sob ordens ou por iniciativa própria, certos governos e sistemas os devem temer tanto, ou mais, que os piores inimigos. É esta, pelo menos, a impressão que se colhe dos dispatches, comentários e análises que, a propósito e em protesto pela brutal morte de Ruth First, se estão a publicar nos jornais e revistas britânicos, incluindo o «Times» e «Daily Telegraph» e outros jornais que normalmente se mostram tolerantes e objectivos nas suas referências à África do Sul.